

Crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense à luz da Sociolinguística Variacionista

Language beliefs and attitudes of the piranhense speaking community
in the light of Variationist Sociolinguistics

Willian Ferreira Furtado de Lacerda¹
Daiane Aparecida Cavalcante²
Rubens Marques de Lucena³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal descrever e analisar, à luz da Sociolinguística Variacionista, as crenças e as atitudes linguísticas da comunidade de fala da zona urbana da cidade de São José de Piranhas-PB, considerando que tais crenças e atitudes refletem a visão metalinguística e epilinguística dos falantes a respeito da percepção, atitude linguística, crença dialetal e o conhecimento dos informantes sobre as próprias variedades que falam e ouvem. Metodologicamente, aplicamos, através da abordagem direta, o teste atitudinal, através de um questionário semiestruturado e entrevista gravada, com 12 informantes do município supracitado. O arcabouço teórico será balizado por: Bourdieu (1982), Calvet (2002), Campbell-Kibler (2006), Kaufmann (2011), Labov (2008), Tarallo (1990), dentre outros. Os resultados denotam que as variáveis: idade, tempo de exposição e escolaridade exercem relevantes influências no julgamento das crenças e atitudes linguísticas, quer na percepção pessoal dos informantes quanto ao seu sotaque, quer na percepção dos interlocutores. Logo, tais fatores interferem decisivamente na configuração linguística da comunidade de fala piranhense.

Palavras-chave: Sociolinguística. Crenças. Atitudes.

Abstract: This article aims to describe and analyze, under the vision of Variationist Sociolinguistics, the linguistic beliefs and attitudes of the speaking community of the urban area of the city of São José de Piranhas-PB, considering that such beliefs and attitudes reflect the metalinguistics and epilinguistics vision of speakers regarding perception, linguistic attitude, dialectal belief, and informants' knowledge about the very varieties they speak and hear. Methodologically, we applied, through the direct approach, the attitudinal test, through a semi-structured questionnaire and recorded interview, with 12 informants from the urban area of the city that we mentioned above. The theoretical framework will be guided by: Bourdieu (1982), Calvet (2002), Campbell-Kibler (2006), Kaufmann (2011), Labov (2008), Tarallo (1990), among others. The results show that the variables age, time of exposure and education have a remarkable influence on the judgment of linguistic beliefs and attitudes, both in the personal perception of the informants regarding their own accent and in the perception of the interlocutors. Thus, such factors interfere decisively in the linguistic configuration of the piranhense speech community.

Keywords: Sociolinguistics. Beliefs. Attitudes.

¹ Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: willian.furtado@hotmail.com.

² Prefeitura Municipal de São José de Piranhas, São José de Piranhas, PB; Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: daiane.aparecida20@hotmail.com.

³ Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, PB, Brasil. Endereço eletrônico: rubenslucena@yahoo.com.

Introdução

No conhecimento popular, muito se comenta sobre “falar certo” e “falar errado”. Os falantes elegem uma forma de falar como ideal e a escolhem em situações mais formais, pois a utilização da sua própria forma de falar poderá ser julgada como inferior.

Dessa forma, gera-se um sentimento de insegurança linguística, que estimula o falante a imitar ou acomodar um dialeto mais prestigioso ou até mesmo a silenciar-se. Situações como estas serão analisadas à luz da Sociolinguística Variacionista, área de estudo definida na década de 1960, cujo principal expoente é o linguista americano William Labov (COELHO *et al.*, 2010).

Este artigo será assim distribuído: na seção relativa ao referencial teórico, explanaremos o alinhamento teórico da Sociolinguística Variacionista. Na sequência, discutiremos as crenças e atitudes linguísticas e a teoria da acomodação. Em seguida, serão descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na seção de análise e discussão dos dados, trataremos as respostas dos informantes às perguntas que lhes foram feitas, analisando suas avaliações acerca do seu dialeto local. Por fim, na seção das considerações finais, retomaremos questões já discutidas, com reflexões a partir dos relatos dos informantes.

Referencial teórico

Esta seção abordará aspectos considerados relevantes para a pesquisa, quais sejam: a Sociolinguística variacionista, crenças e atitudes linguísticas e Teoria da Acomodação Dialetoal.

Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística surgiu como uma forma de reação aos estudos linguísticos precedentes, o Estruturalismo e o Gerativismo, que concebem a língua, de acordo com Coelho *et al.* (2010, p. 14), “como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. É como uma reação a essas duas correntes que a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como um de seus maiores expoentes William Labov”.

O estudo da variação como característica inerente à natureza da linguagem é a proposta central de Labov, cuja abordagem é definida como Sociolinguística Variacionista, ou Laboviana. Antes dele, outros autores já avaliavam o aspecto social da língua, como o linguista francês Antoine Meillet, que “ênfatizava [...] o caráter social e evolutivo da língua” (COELHO *et al.*, 2010, p. 15). Labov retomou tais ideias, com o advento da Sociolinguística, área que

[...] estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 141)

Coelho *et al* (2010) afirmam que a Sociolinguística estuda questões como variação e mudança linguística, entre outras. Aqui, abordaremos o primeiro estágio da mudança, a *variação*, que Tarallo (1990) define como a possibilidade de haver mais de uma forma de se dizer a mesma coisa, com o mesmo grau de verdade. Assim, durante a fala, fazemos escolhas, que são baseadas em critérios (TARALLO, 1990).

As escolhas do falante são influenciadas pelo ouvinte. Nesse sentido, Campbell-Kibler (2006) considera que os falantes que diferem nas suas preferências linguísticas e senso social de significado durante a fala, também podem diferir na escuta. Dessa forma, a variação na percepção do ouvinte é importante porque influirá na resposta que este emitirá à fala do outro.

Neste ínterim, a dinâmica da variação linguística não só reflete as diferenças sociais, mas também expressa o posicionamento dos falantes dentro do mundo social, o que possibilita construir e reconstruir o mundo (CAMPBELL-KIBLER, 2009; ECKERT, 2012).

A variação, portanto, é influenciada por situações contextuais, que o falante avalia no momento de escolher as variantes que irá utilizar (TARALLO, 1990). Essas avaliações são consideradas por Campbell-Kibler (2006, p. 92) como “likely to be influenced by the educational background of the speakers”⁴. Tal pressuposto será verificado na seção que apresenta a metodologia deste estudo, em que será selecionada a escolaridade como variável extralinguística, para a análise da avaliação do falante quanto à sua variedade linguística.

Crenças e atitudes linguísticas

López Morales (1993 *apud* SILVA e AGUILLERA, 2014, p. 714) afirma que “a atitude constitui-se, sobretudo, pelo traço comportamental, por condutas que podem ser positivas ou negativas, e as crenças, por sua vez, são formadas por elementos cognitivos e/ou afetivos”. As crenças “determinam o comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma” (BOTASSINI, 2013, p. 56 *apud* SILVA; AGUILLERA, 2014, p. 714).

⁴ “prováveis de acontecer de acordo com a experiência educacional do falante” (tradução nossa).

Dessa forma, percebe-se uma relação de desencadeamento entre crenças e atitudes. As crenças são definidas com ênfase na subjetividade do indivíduo e, sob esta perspectiva, Sabadin (2013, p. 56), considera que “o conceito de crença abrange questões [...] aceitas como verdade relativa, uma vez que o surgimento de novas informações pode modificar o entendimento dos fatos e alterar o que se tinha como verdade”. Infere-se que a definição de crenças por López Morales, no parágrafo anterior, remete-se ao aspecto cognitivo e, portanto, mais *pessoal*, enquanto Sabadin (2013) aborda as mudanças causadas em nossas crenças por meio *social*.

Em relação à atitude Quasthoff (1987 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 122), a define como “um estado mental e neural de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionada”. Nesta concepção, a atitude é vista como um produto social e cujo método de investigação mais direto, de acordo com Campbell-Kibler (2006), é perguntar a opinião dos falantes através de pesquisas, entrevistas e questionários, e é sob esta perspectiva que será definida a metodologia desta pesquisa.

Os julgamentos que fazemos e que recebemos em nossa vida cotidiana também interferem na nossa maneira de nos comunicar, como aponta Swingler (2016), para quem o entendimento que temos sobre a linguagem poderá influenciar a forma como tratamos outras pessoas e a nossa percepção de quem realmente somos. Assim, esses julgamentos afetam nossa atitude linguística, e podem gerar estereótipos sociais, que resultam de “crenças socioculturais passadas de geração em geração” (BOURHIS, 1997 *apud* SWINGLER, 2016, p. 37).

Percebe-se, então, uma relação entre crenças e atitudes linguísticas, pois uma “resulta” da outra. Oppenheim (1992, p. 175, grifos do autor) afirma que “attitudes are reinforced by *beliefs* (the cognitive component) and often attracts Strong *feelings* (the emotional component) which may lead to particular behavioural *intents* (the action tendency component)”⁵.

Nessa conjectura, Swingler (2016) atesta que a nossa fala está diretamente relacionada à nossa atitude e à forma que julgamos a identidade e as atitudes de nosso ouvinte. Além disso, a opção por utilizar uma ou outra forma de falar será ponderada de acordo com os nossos objetivos, conforme se verá na subseção seguinte, sobre a Teoria da Acomodação.

⁵ “atitudes são reforçadas por *crenças* (o componente cognitivo) e frequentemente atraem fortes *sentimentos* (o componente emocional) que podem levar a certas *intenções* comportamentais (o componente da tendência de ação)” (tradução nossa).

Teoria da acomodação

A Teoria da Acomodação da Fala, desenvolvida pelo psicólogo social Howard Giles, surgiu com base em questões sociopsicológicas (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991) e, segundo Giles *et al.* (2011), centrava-se no fato de os indivíduos, em uma situação comunicativa, costumarem modificar seus padrões de fala para atingirem certos objetivos.

Posteriormente, a teoria teve a nomenclatura modificada para Teoria da Acomodação da Comunicação (TA), quando passou, conforme atestam Giles *et al.* (2011) a reconhecer que além das características da fala, outros fatores também desempenham papel importante nos processos dos ajustes comunicativos, como os fatores não-verbais, por exemplo.

Swingler (2016) afirma que, mais recentemente, a Teoria da Acomodação, doravante TA, tem discutido a relevância dos fatores sociais, dada sua influência na decisão do falante de convergir ou divergir com o seu ouvinte. A *convergência* é uma estratégia do falante para tentar reduzir as dessemelhanças linguísticas e comunicativas que percebe entre ele e seu interlocutor. Já a *divergência* se refere ao aumento dessas dessemelhanças (GARRETT, 2010; GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Para Giles *et al.* (2011), esse aumento pode representar um instrumento de recrudescimento identitário, marcando linguisticamente a origem do sujeito. A *manutenção*, por fim, corresponde a um estado neutro (GARRETT, 2010). Tais estratégias podem ocorrer em diversos aspectos ao mesmo tempo, focando em um único objetivo social – estratégia chamada de *mixed accommodations* (SWINGLER, 2016).

A mudança na nossa maneira de nos comunicar, que Francês Junior (2014) postula como atitude linguística, pode ser considerada, portanto, como uma forma de externamos nossas crenças. Dessa forma, a atitude influencia na nossa fala, sob ação dos componentes cognitivo, emocional e de tendência de ação, como sugerido anteriormente. Tais ideias assemelham-se às relações demarcadas por Labov, quando ele, referindo-se às variações linguísticas, afirma que

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, p. 19)

Assim, a TA considera a atitude do falante quanto à sua comunidade de fala e quanto ao interlocutor. Dessa forma, havendo atitude de rejeição ao dialeto, o falante poderá dele divergir durante boa parte do tempo ou em contextos específicos. Havendo atitude de convergência com sua variedade, o falante tenderá a mantê-la, mesmo quando as variedades

puderem causar estranhamento ao “se enfrentarem” em um contexto real de comunicação. Tal estranhamento pode gerar intolerância por parte de um falante, por ter de lidar com características linguísticas alheias às suas. Tais ponderações serão tratadas na seção de análise e discussão dos dados.

Apresentemos, agora, a metodologia utilizada nesta pesquisa.

Metodologia

A pesquisa em tela é de cunho descritivo-qualitativo e de natureza experimental e exploratória. O *corpus* é constituído por 12 informantes da zona urbana, do município de São José de Piranhas-PB, doravante SJP. A tabela a seguir delinea o perfil desses informantes:

Tabela 01 - Perfil dos informantes

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Escolaridade
01	F	43	44 anos	1º ano (Ens. Fund.)
02	F	43	40 anos	1º ano (Ens. Fund.)
03	F	43	41 anos	1º ano (Ens. Fund.)
04	M	55	47 anos	1º ano (Ens. Fund.)
05	M	55	49 anos	1º ano (Ens. Fund.)
06	M	55	55 anos	1º ano (Ens. Fund.)
07	F	33	33 anos	Superior completo
08	F	33	28 anos	Superior completo
09	F	33	33 anos	Superior completo
10	M	35	35 anos	Superior completo
11	M	35	35 anos	Superior completo
12	M	35	35 anos	Superior completo

Fonte: os autores.

A Tabela 01 mostra a estratificação do *corpus* pelas variáveis extralinguísticas: sexo, idade, tempo de exposição e escolaridade. As variáveis sexo e escolaridade foram distribuídas uniformemente: há 03 informantes do sexo feminino, com 43 anos de idade e ensino fundamental incompleto, e 03 informantes do sexo masculino, com ensino fundamental incompleto e 55 anos de idade. Há outras 03 informantes do sexo feminino, curso superior completo, 33 anos de idade, e 03 do sexo masculino, com curso superior completo e 35 anos.

A variável tempo de exposição mostra desequilíbrio na distribuição dos informantes: a informante 02 tem 43 anos, reside em SJP há 40 anos; a informante 03 tem 43 anos, reside na cidade há 41 anos; o informante 04, de 55 anos, mora em SJP há 47 anos; o informante 05 tem 55 anos, reside em SJP há 49 anos; a informante 08 tem 33 anos, reside em SJP há 26

anos. Porém, por ser a pesquisa de natureza qualitativa, o desequilíbrio na distribuição dos informantes nessa variável não trará impactos na análise e discussão dos dados.

Para a coleta de dados, utilizamos o método de abordagem direta, com testes atitudinais, por meio de entrevista gravada oralmente, através de um questionário, cujas questões abordavam: percepção de como o informante avalia o seu dialeto e é avaliado pelos outros; percepção das diferenças dialetais; avaliação de atitude sobre seu dialeto; percepção de preconceito linguístico; avaliação sobre a mudança do sotaque; o estilo de vida piranhense e inserção social dos informantes em outras regiões.

Perfil sociodialetal e socioeconômico da comunidade de fala piranhense

São José de Piranhas é uma cidade paraibana, situada a 530 km da capital João Pessoa-PB. Possui, conforme aponta o Censo/IBGE (2019), mais de 20.250 habitantes, avizinha-se às cidades de Monte Horebe, Bonito de Santa Fé, Itaporanga, Conceição, Bom Jesus, Serra Grande e Carrapateira. Localiza-se 27 km a Sul-Leste de Cajazeiras, a maior nos arredores.

Como a cidade não possui fábricas ou indústrias, a população é estratificada socialmente em servidores públicos e comerciantes. Quem não pertence a tais categorias migra para São Paulo (doravante SP) para trabalhar no corte de cana, ou para regiões do Pará, Tocantins e Maranhão, para trabalhar em equipes de vendas, conhecidas como “furadinhas”.

Do ponto de vista sociodialetal, a comunidade de fala piranhense possui peculiaridades melódicas e prosódicas do falar cantado. Por isso, estes falantes são muitas vezes criticados em outras regiões, com estereótipos e avaliações negativas devido ao seu sotaque, fato que deflagra que o preconceito linguístico ainda está enraizado avidamente no cerne da sociedade.

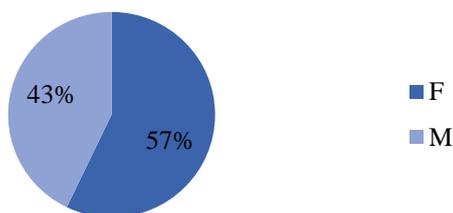
Análise e discussão dos dados

Esta seção trará a análise qualitativa dos dados, com base no discurso dos informantes. Discutiremos sua atitude linguística e como eles percebem as atitudes e crenças de outras comunidades frente à sua fala. As subseções trarão as avaliações atitudinais conforme as variáveis mencionadas. Transcreveremos as entrevistas identificando o entrevistador com a letra “E” e, o informante, com a letra “I”, seguida de seu número (“I 01”, “I 02” etc.).

Crenças e atitudes linguísticas pela variável sexo

Para controlar a variável sexo, o *corpus* é representado por 06 respondentes do sexo masculino e 06 do sexo feminino. Confirmamos os resultados no gráfico seguinte:

Gráfico 01 - Avaliação atitudinal positiva pela variável sexo



Fonte: os autores.

O gráfico 01 denota que, dos informantes que avaliaram positivamente o dialeto local, 57% são do sexo feminino e 43% são do sexo masculino. Logo, pode-se dizer que as mulheres evidenciaram mais segurança linguística do que os homens quanto ao dialeto piranhense. Para Calvet (2002), há segurança linguística quando os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar e há insegurança quando os falantes consideram seu dialeto pouco valorizador.

A avaliação feminina mais positiva do dialeto local pode ser justificada à luz das conclusões de Chambers (1995) de que as mulheres utilizam menos variantes estigmatizadas do que os homens do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias e se adaptam melhor linguisticamente a uma variada gama de situações sociolinguísticas. Assim, elas possuem mais consciência quanto ao status social, como mostram os fragmentos a seguir:

E: Tem alguma coisa que lhe incomode no seu sotaque?

I 06: *De jeito nenhum, me sinto empoderada pelo meu sotaque, me sinto forte por ser sertaneja, tenho orgulho das minhas raízes, de onde nasci, meu torrãozinho me representa onde for, e essas marcas do meu sotaque me acompanham, sem nenhuma vergonha eu carrego elas comigo, [...] são marcas históricas do nosso povo.*

A informante 06 externa um sentimento empoderado uma avaliação positiva em relação ao seu sotaque, frisando que sente orgulho de suas raízes sertanejas e que as marcas identitárias dialetais sempre a acompanharão, portanto, por questão de traços identitários, não vê necessidade de apresentar convergência dialetal nas suas práticas comunicativas cotidianas.

Conforme o depoimento da informante 06, é notório que eclode o fenômeno da divergência linguística, que segundo preconiza Giles (1973) é por muitas vezes definido como “desacomodação”, pois o falante opta por manter registros do dialeto de origem, como forma de manter o recrudescimento identitário ou quando não houver pressão para mudar de registro.

Sobre a percepção dos outros quanto à sua fala, a informante comenta:

E: O que as pessoas geralmente dizem, comentam sobre a sua maneira de falar, por exemplo, essas pessoas com as quais você manteve contato do Brejo e de João Pessoa por você ser aqui do Sertão, como era a percepção delas em relação ao seu sotaque?

I 06: *Como eu já andei muito, acaba que meio que eu aprendi a falar mais ou menos correto, o arrastado a gente não deixa né, mas por aí a fora tem uma boa aceitação, o sotaque da gente aqui do sertão da Paraíba. Agora quando a gente sai do Nordeste, aí existe um preconceito muito grande, como eu fiz alguns treinamentos em SP [...], a gente sabe driblar as críticas, mas machuca um bocado viu, porque eles são bem rigorosos viu, no pré-julgamento, ficavam dizendo que a gente fala errado, que a gente usa palavras que não existem, e a crítica é bem severa mesmo, [...] a gente tem que saber lidar de uma forma bem madura. Eu aprendi a lidar com essas críticas, com esse pré-conceito do pessoal, mas tem muita gente que não lida muito bem não, como por exemplo, teve uma vez que eu fui pra SP pra um treinamento, foi eu e um colega de Campina Grande [CG], e o pessoal lá da empresa ficava tirando brincadeira chata dizendo: ah na Paraíba é assim, todo mundo passa fome, olha como ela é magrinha, que ela é do sertão, olha o outro que é de CG é mais gordinho, lá tem mais comida, aí ficam com aquelas brincadeiras chatas, falando da fala que um é arrastado, que o outro não chia, que um fala uma palavra que não existe, e o meu colega de CG ficou altamente sentido, chorou e tudo [...]. Já eu não, eu soube dar aquela contornada, me controlei, senão agente briga mesmo, se for levar ao pé da letra, se for se magoar, se doer, por todas as críticas que a gente recebe, briga de tapa mesmo, porque mexe com as nossas raízes, com a nossa identidade, ninguém gosta né.*

A informante mostra consciência das noções de certo e errado fossilizadas pela gramática prescritiva. Sua fala traz o componente cognoscitivo, ao manifestar conhecimentos sobre a própria fala em relação a outros estados do Brasil, e consciência interdialetoal ao avaliar sua fala pela fala de outro estado.

É explícito que a informante foi vítima de avaliações rigorosas e julgamentos etnocêntricos por parte do ego etnocêntrico de empresários de São Paulo, onde fora participar de treinamentos. Entretanto, apesar do preconceito sofrido e das depreciações estigmatizantes, a falante não sentiu necessidade de convergir o dialeto paulista para sentir-se aceita em tais treinamentos.

O excerto abaixo revela insegurança linguística pelo informante 05, do sexo masculino, quanto ao seu dialeto:

E: Você gostaria de falar como as pessoas de outras regiões?

I 05: *Sim, gostaria, eu acho bonito demais, o jeito que o povo de SP fala viu, fala certo, bonito, eu queria fal[á] diferente, queria ter estudado, aí eu ia sab[ê] fal[á] certo, sem ninguém mang[á] de mim, porque eu falo errado. Eu tinha muita vontade de aprend[ê] como o povo de lá falava, às vezes eu ia fal[á] igual a eles, aí não dava certo, umas palavra que eles falava e eu tinha vontade de aprend[ê], mas num sabia, num falava, né, tinha vez que eia fal[á] as fala deles lá e aí num dava certo, aí eu ficava envergonhado, viu.*

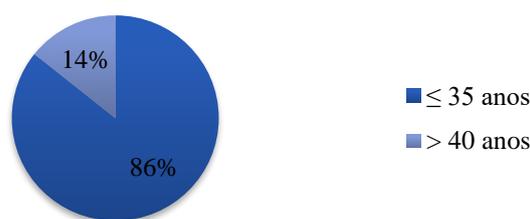
Verifica-se demasiada insegurança linguística quanto ao dialeto local pelo informante 05, que avalia o seu sotaque de forma negativa, por não ser escolarizado, não segue as normas da gramática tradicional. Assim, avalia o sotaque paulista positivamente, alegando que gostaria de falar como eles. Sua fala evidencia matizes de preconceito linguístico e de violência simbólica.

Bourdieu (1982) atesta que a língua é mediada por trocas simbólicas e apregoa que além da comunicação de sentido, os discursos são signos de riqueza, de poder, de autoridade, e são emitidos para ser avaliados e obedecidos, e, portanto, a estrutura social está explícita no discurso, sendo a língua concebida como um meio de troca universal. Assim, quanto mais capital linguístico o falante possui, mais livre ele é para jogar no mercado linguístico, delimitado pela existência de uma língua legítima e uma dominante. Assim, o discurso do informante 05 é permeado por um sentimento de insegurança linguística, que se plasma através do dialeto dominante (o paulista), em detrimento ao dialeto dominado (o piranhense).

Crenças e atitudes linguísticas por faixa etária

Em relação à variável idade, os informantes foram distribuídos em dois grupos: o primeiro grupo é formado por informantes que têm 35 anos ou menos, enquanto o segundo grupo representa os informantes com mais de 40 anos. Confirmamos no gráfico a seguir a avaliação atitudinal desses informantes:

Gráfico 02 - Avaliação atitudinal pela variável idade



Fonte: os autores.

O Gráfico 02 mostra que as avaliações positivas do sotaque piranhense partem 86% do primeiro grupo *versus* 14% do segundo. Infere-se que os informantes mais jovens valorizam seu dialeto mais do que o segundo grupo, ou seja, demonstram mais segurança linguística.

Para Giles *et al* (2011), a convergência consiste em uma estratégia que permite aos indivíduos adaptarem-se aos comportamentos comunicativos uns dos outros. Isso não quer dizer, porém, que o falante modificará todos os aspectos de sua fala para o dialeto em contato,

tampouco significa que o processo de acomodação é inacabado e fragmentado, ou que o fenômeno de divergência não possa fazer parte desse processo. (GILES *et al*, 2011)

Vejamos o que diz a informante 09, de 33 anos, a respeito do seu dialeto:

E: *O que você acha do seu sotaque? Como você avalia a sua forma de falar?*

I 09: *Ah, eu acho que é algo muito interessante, na verdade esse tema né, principalmente pra mim, que sou professora de Língua Inglesa [LI], mas eu acho muito importante a gente ter o conhecimento de que isso faz parte de quem nós somos, o nosso eu, esse nosso sotaque nordestino, de falar arrastado, né, então eu me vejo e me aceito como nordestina, como piranhense e esse sotaque faz parte de mim, faz parte disso, da minha cultura, e também eu acabo transferindo isso para a minha prática como professora de LI, porque não dá pra você é... nascer e crescer no Nordeste, no Brasil e você querer falar inglês com o sotaque americano ou o sotaque britânico, você acaba trazendo o seu sotaque, a sua identidade linguística para a aprendizagem e a aquisição da LI, esse sotaque influencia no processo de aquisição de língua inglesa, mas vejo isso de forma bastante positiva, é questão de raiz, de cultura [...]. Mas tenho orgulho do meu sotaque, ele representa um povo forte, destemido, de muita raça, que não foge da raia, o sertanejo é empoderado, acho o meu sotaque bonito, agradável, confortável.*

A informante 09 apresenta crença e atitude positiva quanto a seu sotaque, que, segundo ela, influencia no processo de aquisição da língua inglesa, e encara tal realidade positivamente. Isso reitera o sentimento de pertença segurança linguística, percebida no excerto a seguir:

E: *Você já precisou mudar a sua maneira de falar para se sentir aceita em determinada situação comunicativa?*

I 09: *Graças a Deus não, porque nem sei se eu conseguiria, porque [...] o meu sotaque faz parte de quem eu sou, então assim pra mudar é complicado, e assim, quem me quiser seja no meio acadêmico ou não, é com o meu sotaque, ainda bem que nunca precisei mudar não.*

A informante evidencia que não há atrito quanto à sua identidade linguística e enfatiza que nunca precisou divergir de seu dialeto local para adaptar-se a nenhuma situação comunicativa e que, se fosse fazê-lo, talvez não conseguisse, pois o sotaque faz parte dela.

O fragmento da entrevista a seguir elucida a insegurança linguística do informante 06:

E: *Você acha que tem algumas maneiras de falar que são melhores e mais bonitas que outras?*

I 06: *É, às vezes tem, o povo de SP, por exemplo, eles explica melhor né, eu acho que eles fala melhor que a gente, mais bonito que a gente, a gente fala errado, o povo manga.*

E: *Você já precisou mudar a sua maneira de falar pra se sentir aceito em alguma situação comunicativa?*

I 06: *Já tentei, quando tava em SP, mas quando eu mudava a minha forma de fal[á] o povo já dizia logo que eu era do sertão, aí muita vez eu ficava com receio de fal[á] com medo deles ri de mim, eu ficava calado, só respondia o que me perguntava, porque eu ficava com vergonha, eu evitava de convers[á] por conta do chiado deles.*

O informante 06 mostra atitude e crença negativa, pela vontade de reajustar seu sotaque ao paulista, por preocupar-se com os seus interlocutores. Por isso, seu discurso mostra atitudes positivas quanto ao falar paulista, adjetivando-o como um falar bonito, mais correto que o seu”.

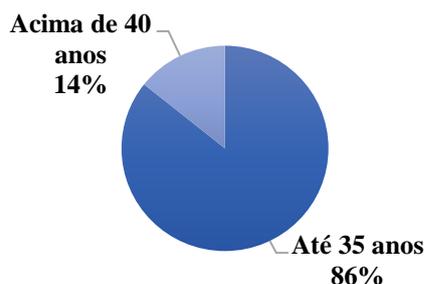
Dessa maneira, acreditamos que as vozes que permeiam no discurso do falante são vozes “dominantes” marcadas historicamente e que tentam caracterizar linguisticamente a supremacia de um dialeto sobre outro (o dialeto paulista em detrimento do dialeto paraibano). Percebemos que esse relativismo cultural e linguístico também contribuiu para a convergência linguística do falar paraibano em São Paulo.

Avaliação atitudinal pela variável tempo de exposição

Para controlarmos a variável tempo de exposição, agrupamos os informantes da seguinte maneira: um grupo de informantes com até 35 anos de exposição ao sotaque piranhense e outro grupo com mais de 40 anos de exposição.

Vejamos o gráfico a seguir, que ilustra os resultados obtidos:

Gráfico 03 - Avaliação atitudinal pela variável tempo de exposição



Fonte: os autores.

O Gráfico 03 mostra que as avaliações positivas quanto ao sotaque piranhense partem 86% dos informantes com até 35 anos de exposição e 14% dos informantes expostos há mais de 40 anos. Isso porque os informantes do primeiro grupo têm maior tempo de permanência em SJP, com migrações breves para João Pessoa, e os informantes do segundo grupo migraram com mais frequência para SP. Sua insegurança linguística advém de estigmatizações, violências simbólicas, opressões sociais recebidas no contato com dialetos mais prestigiados. Isso nos remete às trocas simbólicas sugeridas por Bourdieu (1999),

denotando um oprimido e um opressor. Este, com posturas e atitudes etnocêntricas, mantém a crença de superioridade dialetal, enquanto o oprimido, por opressões sociais, converge seu dialeto, para sentir-se aceito.

Vejamos o trecho da entrevista da informante 07, que tem 33 anos de idade e nunca se ausentou da cidade, mantendo, assim, residência fixa em SJP há 33 anos:

E: *Tem algo que você não gosta em seu sotaque?*

I 07: *Tem algumas palavras que eu acredito que seja do meu vocabulário próprio, como por exemplo, a expressão pelas caridades, eu uso muito, no meu grupo de amigos, que alguém diz tipo assim, mulher fulano fez isso, você acredita e eu digo logo aff pelas caridades, pode ser que alguém não entenda, mas vou lá e explico, mas de forma geral é um sotaque correspondente à nossa regionalidade e que é compreensível. Não vejo problema algum em relação ao meu sotaque e eu gosto de tudo nele, ele me representa como sertaneja forte.*

E: *Você gostaria de mudar a sua maneira de falar?*

I 07: *Não. Sou satisfeita com a minha forma de falar, tendo em vista que a gente mora aqui no Nordeste né, e aí tem toda uma questão de cultura e tudo e que é típico da nossa linguagem, então não posso negar esse sotaque, ele tem as minhas marcas como pessoa, faz parte também da minha identidade como piranhense. Inclusive até as pessoas que são naturais daqui e que vão morar fora e que mantém essa forma de falar, que não mudam o seu linguajar, por exemplo, tem pessoas que saem daqui para SP para morar lá e trabalhar e quando retornam para cá a passeio já chegam chiando, até parecem que não nasceram aqui, pra mim isso não é interessante, porque a pessoa tem toda uma história aqui e porque foi embora esqueceu do que viveu na terra natal, acho um absurdo.*

Os excertos acima explicitam a consciência e a sensibilidade linguística da informante, que mesmo com o uso de gírias que utiliza nas relações interpessoais com os amigos, entende-as como peculiares ao seu sotaque e critica as pessoas que vão embora da cidade, e quando retornam a passeio, apresentam um sotaque descaracterizado, camuflado, que não representa o povo piranhense, perdendo, segundo ela, as marcas históricas e identitárias do falar do sertão.

Observemos o que o informante 04, de 55 anos, externa sobre sua percepção quanto ao dialeto local e a percepção dos interlocutores com quem manteve contato nas suas idas a SP:

E: *O que você acha da sua maneira de falar?*

I 04: *Acho feio, estranho, arrastado, esquisito, diferente sei lá. Mas é o que Deus quer, não adianta o caba tá se reclamando porque fala errado não, é tudo como Deus quer.*

Sua percepção e crença sobre seu sotaque é negativa e o qualifica como feio, estranho, arrastado, esquisito e diferente. Seu discurso é impregnado de determinismo linguístico e atesta que fala dessa forma por vontade divina e que não adianta lamentar por falar errado. E continua:

E: *Há pessoas que julgam as outras pela maneira como elas falam, agindo muitas vezes com preconceito em relação à maneira de falar de cada pessoa. Alguém já riu, criticou, elogiou ou teve uma atitude preconceituosa quanto à sua forma de falar, apenas por ser paraibana?*

I 04: *Sim, quando eu tava no corte de cana, assim que eu cheguei lá, o povo ria da minha forma de fal[á], me chamava de Paraíba pelo meu jeito de fal[á], algumas vezes, mas eles achava engraçado esse jeito arrastado, cantado, puxado que a gente fala, achavam feio. Eu me sentia muito mal, porque eles ria, eu falava pouco e trabalhava mais.*

O discurso do informante mostra que ele sofreu pressões sociais, sendo estereotipado com a ofensiva adjetivação de *Paraíba*, considerando que o entorno discursivo da entrevista deflagra o contexto depreciador do sotaque do informante. Vejamos o fragmento seguinte:

E: *Você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceito? Por exemplo, quando você chegou em SP para trabalhar no corte de cana para se sentir aceito lá, você mudou a sua maneira de falar para que todos o recebesse melhor?*

I 04: *Sim, era o jeito, eu tentava fal[á] menos arrastado, menos puxado, pra ver se o povo não ria tanto de mim, evitava fal[á] muito, eu conversava mais com o povo que ia daqui de São José, porque a gente se entendia, a gente falava do mesmo jeito, então ninguém ria de ninguém, mas o povo paulista ficava zoando de mim o tempo todo.*

Nota-se no excerto acima que o informante não tinha a intenção de convergir sua fala ao dialeto em contato, mas por questões de pressões sociais, como também pela necessidade de estabelecer interações verbais com os companheiros de trabalho e para sentir-se aceito por eles, tentava fazê-lo para amenizar o sofrimento de ser paraibano. Podemos perceber que o entrevistado sentiu que era necessário mudar a sua forma de falar para poder ser mais aceito socialmente.

Também deve ser considerado que as escolhas do falante são influenciadas pelo ouvinte, ou seja, pela situação comunicativa em que este está inserido. Nesse sentido, Campbell-Kibler (2006) considera que os falantes que diferem nas suas preferências linguísticas e senso social de significado durante a fala, também podem diferir na escuta. Dessa forma, a variação na percepção do ouvinte é importante porque influirá na resposta que este emitirá à fala do outro.

Avaliação atitudinal pela variável escolaridade

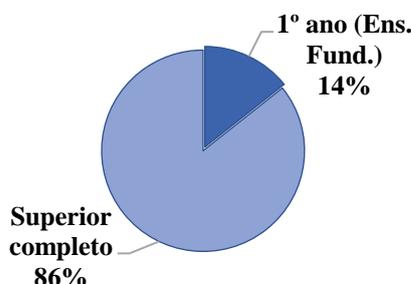
Para o controle da variável escolaridade agrupamos os informantes da seguinte maneira: 06 informantes com o nível fundamental incompleto (F) e 06 com nível superior (S).

O fator escolaridade é uma variável preponderante na seara da pesquisa variacionista, visto que cada nível pode revelar peculiaridades, de acordo com a norma linguística,

supervalorizadas por indivíduos que possuem um maior *status* de escolaridade, variável que pode refletir outras variáveis de ordem social e econômica.

Vejam os resultados obtidos no gráfico a seguir:

Gráfico 04 - Avaliação atitudinal pela variável escolaridade



Fonte: os autores.

O gráfico 04 elucida que os informantes do grupo S demonstraram mais segurança linguística, apresentando avaliações, crenças e atitudes linguísticas positivas em relação ao dialeto piranhense, representando 86% dessas avaliações. Já o grupo F apresentou avaliações negativas quanto ao sotaque local, representando apenas 14% das avaliações positivas.

Atentemos ao fato de que essas avaliações são consideradas por Campbell-Kibler (2006, p. 92) como “prováveis de acontecer de acordo com a experiência educacional do falante”. Por isso, eclode a discrepância nas avaliações dos dois grupos: os falantes do Grupo S, por possuírem um grau de escolaridade mais elevado, expressam avaliações mais positivas quanto ao dialeto piranhense, enquanto os informantes do Grupo F, menos escolarizados, são vítimas de preconceitos linguísticos e de estigmatizações por parte dos interlocutores com quem estabelecem contato, fato que afeta na percepção pessoal do próprio dialeto.

Os excertos seguintes explicitam a discrepância entre a percepção pessoal dos grupos S e F, quanto ao dialeto piranhense, bem como as percepções dos seus interlocutores. Iniciemos com o depoimento do informante 10, que possui curso superior completo (grupo S):

E: *O que você acha do seu sotaque piranhense?*

I 10: *Eu acredito que é um sotaque característico da nossa Paraíba né, do nosso Nordeste, já é uma coisa que a gente traz do regionalismo paraibano, então eu acho normal, bonito, nordestino, piranhense.*

E: *Você gostaria de mudar a sua maneira de falar e falar como as pessoas de outras regiões?*

I 10: *Não, de forma alguma, eu acho muito bonito, assim é, até algumas pessoas dizem que a forma correta de falar é característico dos nordestinos né, porque tem algumas regiões do país, que falam puxado demais, falam arrastado demais, ou puxam o S demais, e eu acredito*

que a fala nordestina, é(pausa do informante) exclusivamente paraibana tem uma beleza na sua forma de falar.

E: *O que as pessoas geralmente dizem sobre sua maneira de falar?*

I 10: *Eu nunca ouvi ninguém falar assim da minha forma de falar não, acho que também é porque sou formado, e claro, conhecimento nos traz poder, traz respeito, né. Apesar de que pessoas que vêm de outras regiões, já acham engraçado, né, principalmente os paulistas, o pessoal lá do Sul, quando chegam aqui na Paraíba, [...] eles acham engraçado, algumas formas que a gente tem de falar algumas palavras, que pra eles são desconhecidas, então, tirando isso, eu acho que ninguém falou sobre a minha forma de falar não.*

A percepção que o informante 10 tem sobre o seu dialeto é positiva e o qualifica como normal e bonito, peculiar ao regionalismo paraibano, externando que não sente vontade de convergir outro dialeto. No que tange à percepção dos interlocutores com os quais teve contato, a avaliação deles é que o sotaque piranhense é engraçado, mas nunca recebera uma crítica ferrenha devido à sua maneira de falar, tampouco fora vítima de violência simbólica em suas relações interpessoais, porque conhecimento traz poder, traz respeito.

Observemos agora o depoimento da informante 03 nos excertos subsequentes:

E: *O que você acha do sotaque piranhense? Tem algo que você não gosta em seu sotaque?*

I03: *Eu acho feio, diferente, porque eu falo errado, a minha patroa mesmo fica me corrigindo, diz que quando tiv[é] gente de fora lá na casa dela, eu procura fal[á] pouco, porque eu falo errado, não tive oportunidade de estud[á], tive que começar a trabalh[á] cedo na roça pra ajud[á] em casa, depois tive que trabalh[á] em casa de família, por causa dos meus filho.*

E: *Você já precisou mudar a sua maneira de falar pra se sentir aceita em determinada situação comunicativa, por sentir vergonha da sua maneira de falar?*

I: *Já tentei mud[á] sim, porque minha patroa ia receb[ê] umas visita de SP na casa dela, um povo muito chique, e ela disse que eu evitasse de fal[á] muito e tentasse fal[á] mais certo.*

Percebe-se violência simbólica sofrida pela informante, tratada com estigmatizações devido à sua forma de falar. Para sentir-se aceita no contexto laboral, sente a necessidade de convergir seu sotaque para atender às exigências de sua patroa. Novamente, deparamo-nos com a relação opressor x oprimido. A informante tem consciência linguística de ter escolarização baixa, e qualifica o seu sotaque como feio e diferente, avaliando-o negativamente.

Considerações finais

O ímpeto deste trabalho foi descrever e analisar, à luz da Sociolinguística Variacionista, as crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense quanto ao seu dialeto, bem como a percepção dos seus interlocutores. Podemos dizer que os objetivos

foram devidamente alcançados, pois conseguimos avaliar as respostas dos 12 informantes, controlando as variáveis extralinguísticas sexo, idade, tempo de exposição e escolaridade.

No que se refere à variável sexo, como bem ilustra o Gráfico 01, foi a que menos pareceu interferir na avaliação do sotaque, pois verificamos um certo equilíbrio entre os grupos representativos: as informantes do sexo feminino, totalizando o percentual de 57%, avaliaram positivamente o dialeto piranhense, enquanto os informantes do sexo masculino representaram o percentual de 43%. Constatamos, assim, que as mulheres piranhenses avaliam e posicionam-se mais positivamente em relação ao dialeto local que os homens.

Constatamos que as variáveis idade, tempo de exposição e escolaridade, conforme elucidam os gráficos 02, 03 e 04, exercem com sobressalência relevantes influências no julgamento das crenças e atitudes linguísticas, quer na percepção pessoal dos informantes quanto ao próprio sotaque, quer na percepção dos interlocutores, com os quais estes estabelecem contato. Portanto, tais fatores sociais interferem decisivamente na configuração linguística da comunidade de fala piranhense.

Realizar estudos que incluem reflexões concomitantes sobre a Sociolinguística Variacionista e às crenças e atitudes linguísticas pode propiciar a compreensão mais adequada das ações que guiam o comportamento dos indivíduos em relação à sua fala e à fala do(s) outro(s), bem como os motivos, internos ou externos à língua, que condicionam tais ações.

Assim, sugere-se que sejam realizadas mais pesquisas que avaliem crenças e atitudes linguísticas e que os informantes sejam levados a analisarem as crenças e atitudes de outros informantes, seja em pesquisas anteriores, seja em relatos anônimos da mesma pesquisa.

Pesquisas da natureza desta elucidam a importante contribuição da Sociolinguística para a sociedade, no sentido de evidenciar e problematizar situações a que, no cotidiano, muitas vezes não é dada a devida importância, mas que podem culminar em episódios de ruído de comunicação ou mesmo de desconforto que, se não trabalhado, pode acarretar situações de *bullying* e de preconceito linguístico, assunto sobre o qual ainda muito pode se pesquisar.

Referências

BOURDIEU, P. **¿Qué significa hablar?** Madrid: Ediciones Akal, 1999.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Stanford University, 2006.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, v. 21, p. 135-56, 2009.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

FRANCÊS JUNIOR, C. **Atitude linguística e revitalização da língua Mundurukú: observações preliminares**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

GARRETT, P. **Attitudes to language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, N. **Contexts of accommodation: developments in applied sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GILES, H.; WILLEMYNS, M.; GALLOIS, C.; ANDERSON, M. C. Accomodating a new frontier: the context of law enforcement. In: FIELDER, K. (Ed.). **Social communication**. New York: Psychology Press, 2011.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121-137.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OPPENHEIM, A. N. **Questionnaire design, interviewing and attitude measurement**. 2. ed. (rewritten). London; New York: Continuum, 1992.

SABADIN, M. N. **Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, H. C.; AGUILERA, V. A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa: revista de linguística**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

SWINGLER, D. D. **Tabu linguístico: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano**. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TARALLO, F. A **pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

Sobre os autores

Willian Ferreira Furtado de Lacerda ([Orcid iD](#))

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); graduado em Administração pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba (IESP) e em Letras - Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); especialista em Língua, Linguagem e Literatura pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (CINTEP). É escriturário do Banco do Brasil S/A.

Daiane Aparecida Cavalcante ([Orcid iD](#))

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); mestra em Linguística pela UFPB; graduada em Letras - vernácula pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É professora de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de São José de Piranhas.

Rubens Marques de Lucena ([Orcid iD](#))

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); mestre em Letras pela UFPB; graduado em Direito e em Letras - Português/Inglês pela UFPB. É professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em junho de 2020.